

SER MÉDICO HOJE

Duarte M. Correia

Médico Cardiologista
Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia

Sedare dolorem opus divinum est

O excelente artigo de opinião do Prof. J. Martins e Silva *Cultivar atitudes, promover o profissionalismo*, publicado no Vol. 20, n.º1, do Boletim da SPHM, suscitou-me algumas considerações que gostaria de partilhar com ele e com os leitores.

A primeira, é o muito apreço que manifesto pela ideia central que preside, para o autor, ao *ser médico*. É com extremo agrado que me deparo, ao caracterizar a desejável prática médica, com palavras como *dedicação, humanidade, compassividade e altruísmo*, isto é, que aos desejáveis conhecimento, perícia e eficácia se mantenham associados os valores essenciais da afectividade humana. É nela, sempre me pareceu, que se origina, cria ou desperta o impulso inicial que leva alguém a querer saber aliviar e curar, ou seja, a ser capaz de conhecer, compreender e actuar perante o sofrimento e a doença, ou seja ainda,

a *ser médico*. Tanto hoje como ontem, ou talvez mais hoje do que ontem, relembrar estes conceitos e escrevê-los numa revista científica é uma forma corajosa de se mostrar e de se expor, e também de lembrar, apelar e lutar por eles.

A *tonalidade afectiva básica* do artigo do Prof. Martins e Silva parece-me, porém, de alguma tristeza e desencanto. Pese, embora, o esforço pelo optimismo, a crença nas virtudes *inatas*, no mérito da Universidade e de quem ensina em valorizá-las, no exemplo. Dias ásperos, duros, complicados, os nossos; que nos deram Auschwitz, Hiroshima, os fundamentalismos, os genocídios em África, as guerras imperialistas, a destruição das florestas, a fome para milhões de pessoas, a extinção acelerada das espécies, a poluição e progressivo envenenamento do globo. Isto trouxe consigo, para alguns, o fim da crença na razão, o fim

das utopias e da esperança de um mundo progressivamente mais fraterno e mais justo. Com este desencanto, em vez de nos empenharmos cada vez mais na transformação do mundo, reduzimo-nos a seres sem perspectivas futuras, que só desejam viver o momento presente, numa ilusória *euforia perpétua*, sem outros horizontes além do lucro e do prazer imediato. Para outros, foi a *morte de deus* que esvaziou a sociedade dos seus valores tradicionais. Não é de admirar que a nova situação afecte os médicos e a sua prática.

Daí que, com mais um pequeno passo, estamos lá: *antigamente é que era bom*. Também o Prof. Martins e Silva cai um pouco nesse desabafo quando nos quer fazer querer que os médicos do século XIX eram um exemplo a seguir – desinteressados, incansáveis, dedicados, pondo todo o seu saber à cabeceira do doente que dificilmente abandonavam. Não me parece. Esta é, talvez, uma imagem romântica, construída pelo *romantismo*. Os médicos do século XIX eram iguais aos de hoje, ousou dizer. Há diferenças, claro: 1- a prática médica assentava mais na figura do médico, e hoje assenta também na equipa, o que dilui um pouco o papel do médico; 2- quando comparamos as duas podemos dizer que, nessa época, o médico mais do que *curar, confortava e aliviava*; e que hoje se cura mais do que em séculos anteriores. Mas isto nasce da evolução da ciência e das novas práticas e atitudes organizativas que dela decorrem, e não do que é *ser médico*.

Contra a imagem romântica do médico do século XIX lembro apenas os epigramas dirigidos ao médico, tão

verrinosos e falhos de respeito como eram os dirigidos ao padre e à sogra. A favor dos médicos de hoje posso contar o que vejo. Vejo actos de espantosa dedicação e competência (científica e profissional) de muitos dos meus colegas. Olho para o que me rodeia no meu hospital e vejo o empenhamento para chegar a um diagnóstico, as dúvidas angustiadas, o receio de não ser capaz, o confessar dos erros, o relato de tantos *nightmares*. E vejo também a alegria simples perante o êxito, o que *correu bem*, o recurso a um calão que o tempo cunhou usado tantas vezes, brejeiramente, para disfarçar a emoção: *este safou-se*. Vejo todos os dias os médicos a lidarem com o sofrimento e a morte, serem tocados por eles, e estremecerem, e voltarem no dia seguinte para recomeçar. E tudo isto de forma natural e simples, sem procurar o espectáculo ou a exibição.

Muita medicina que se hoje se faz privilegia a *ligeireza, o imediato e a imagem*, (o pedido de exames, o Rx, a ecografia, a TAC, a ressonância) à *reflexão, ao pensar*. Ouvir o doente, fazer uma boa história clínica, o exame físico e reflectir, conviver, com todos os dados recolhidos até criar uma *convicção* e com ela a segurança de atitudes, são práticas, para muitos, em desuso. É, por isso, uma medicina insegura, que não pára de repetir exames e de continuar insegura. É, neste sentido, *pós-moderna*. O médico, hoje, está também ele sujeito às regras, pressões e jugos da cultura da sociedade capitalista pós-industrial, “*sujeito à lógica cultural do capitalismo tardio*”, “*ao desencanto que se instala na cultura*”, “*à crise de valores ou de conceitos como ver-*

dade, razão, legitimidade, progresso”, “vivendo uma sensação de caos, incerteza e relatividade”¹, sendo vítima e agente da sociedade de consumo onde vive.

Vivemos numa sociedade do irracionalismo, do atordoamento, que tende a tudo banalizar e vulgarizar, porque tudo o que apenas é consumido deixa de ter encanto, mistério ou valor. E que banaliza também o sofrimento, a doença e a morte ou, o que é muito mais alienante, *os nega*, para que a sua presença não interfira com a procura do prazer. Hoje, a angústia perante um filho doente, de um diagnóstico difícil, de momentos de dúvida, a expectativa do resultado de uma intervenção complexa e problemática, não é aceite. Estes sentimentos dolorosos são transformados em culpabilidade de terceiros, muitas vezes dos médicos, para que se possa continuar na ilusão de uma felicidade eterna, que se alimenta do sensacionalismo, da aparência e do espectáculo. À medicina exige-se o fim do sofrimento e da doença; nada menos.

Muitos jovens médicos de hoje estão bem preparados profissionalmente, conhecem todas as normas de uma boa prática médica, *o estado da arte*, mas estão desarmados culturalmente. Tanto quanto ensinar anatomia, bioquímica, clínica ou terapêutica, as Faculdades de Medicina deveriam empenhar-se mais (parece-me) no ensino da deontologia médica, da história da medicina, no *ensino das ideias e da história das ideias*, ou seja, investir na formação cultural dos novos médicos (*cultura* que muito cedo os curricula abandonam), para que eles sejam capazes de pensar e decidir por si, de saberem orientar-se

na sociedade em que vivem, numa palavra, a serem livres, aptos a criticar e a vencer este “irracionalismo pós-moderno”. E então, como homem livre e produtivo, poder olhar com os olhos de hoje para o sofrimento, a doença e a morte, e serem, como em séculos anteriores, médicos. Como outros seres humanos, serem “*peças trabalhando livre e criativamente em busca da emancipação humana e do enriquecimento da vida diária, pela confiança na capacidade da razão e da ciência*”¹. Bem como, com confiança no renascer de todos os sonhos, esperanças e utopias. No esforço contínuo, de milénios, que é passar do animal ao Homem, não é possível descurar em nenhuma actividade ou época histórica o “*dedicar-se à prática do pensamento, da crítica e da transformação do mundo*”¹.

Na mitologia que formou a nossa civilização, a medicina foi criada pelos deuses. Depois os deuses morreram, mas parte desses mitos prevaleceram ainda na nossa crença no poder do médico de aliviar, de curar e de vencer a morte. Limitado por ser apenas humano e pelos condicionalismos da sua época, nunca o médico foi nem será inteiramente santo nem inteiramente demónio. Às vezes erra, peca, desvia-se do seu caminho. Muitas vezes, porém, transcende-se a si mesmo, e é maior que o seu próprio mito.

¹ Chevitarese, L. (2001): As “Razões” da Pós-modernidade. www.saude.inf.br/filosofia/posmodernidade.pdf